

FÍSICA CONTINUA SENDO CULTURA

Para marcar os vinte anos da tese de doutorado “Física também é cultura”, um grupo de conhecidos educadores em ciências presta uma justa homenagem ao autor, João Zanetic, com o lançamento de um conjunto de textos reunidos com a proposta de “*rever criticamente a sua tese, debater ideias, refletir sobre o ensino de física atualidade.*”¹

Como aponta com muita propriedade André Ferrer, responsável pela organização da obra:

“A tese de Zanetic nunca foi publicada como livro nem rendeu 'uma série' de artigos em revistas especializadas, embora continue sendo uma referência na área de ensino de ciências (mostrando que quem morde nem sempre Lattes...)..”

É que simplesmente o acúmulo de publicações nunca foi parte do universo de preocupações do João. Por outro lado, não é demais lembrar que, ainda no final dos anos 1970, ele foi o idealizador e primeiro editor da Revista de Ensino de Física (hoje Revista Brasileira de Ensino de Física), posição que ocupou durante muitos anos.

Não pretendo aqui discorrer a respeito da notável influência que João teve na construção de um estilo de pensamento que ressalta a relevância dos aspectos culturais, no mais amplo sentido do termo, na nossa comunidade. Isso o livro recém-lançado já faz muito bem. Mas não poderia deixar de ressaltar a evidente conexão que a seção *Literatura, arte e ciência* de **Alexandria** tem com as suas idéias e práticas. Para tanto, remeto à página 161 da tese:

“Gostaria de apontar mais um tópico que não pode ser esquecido quando abordamos a física enquanto cultura. É a literatura. A relação entre a literatura e a física. Já que muitas vezes nos debates educacionais se fala da interdisciplinaridade, no ensino integrado de ciências, e outros termos semelhantes, porque não pensar na integração com outros ramos do conhecimento, com outras formas de falar do mundo e com o mundo.”

Em um dos trabalhos que compõe o livro, Ildeu de Castro Moreira e Luisa Massarani falam do encanto científico proporcionado pelos temas de ciência em letras da música popular brasileira. Dentre as letras que são exercícios de ficção científica, a primeira citada é “Dois mil e um”, composta para o Festival de MPB da TV Record de 1968, e que tinha como referência “2001 Uma odisséia no espaço”, filme de Stanley Kubrick que fazia sucesso na época e viria a se tornar um clássico.

¹ MARTINS, A.F.P. (Org.) *Física ainda é cultura ?* São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

Literatura, música, poesia, cinema,aportes culturais que podem (e deveriam) ser mais integrados ao ensino das ciências. Esse é o espírito das idéias do João !

Arden Zylbersztajn

Dois mil e um (Rita Lee e Tom Zé)

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia
Eu quase posso palpar
A minha vida que grita
Emprenha e se reproduz
Na velocidade da luz
A cor do céu me compõe
mar azul me dissolve
A equação me propõe
Computador me resolve
Astronauta... (refrão)
Amei a velocidade
Casei com sete planetas
Por filho, cor e espaço
Não me tenho nem me faço
A rota do ano-luz
Calculo dentro do passo
Minha dor é cicatriz
Minha morte não me quis
Astronauta...(refrão)
Nos braços de dois mil anos
Eu nasci sem ter idade
Sou casado sou solteiro
Sou baiano e estrangeiro
Meu sangue é de gasolina
Correndo não tenho mágoa
Meu peito é de sal de fruta
Fervendo no copo d'água
Astronauta...(refrão)

Para um vídeo da apresentação dos Mutantes no Festival de 1968 acessar
<http://www.youtube.com/watch?v=PAuGLBCITss>